

# Mussolini

## Autobiografia

Tradução e Introdução  
David Martelo

Prefácio  
António Costa Pinto

EDIÇÕES SÍLABO



## LÍDERES E POVOS

1. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 1 – Júlio César, Octávio César Augusto*  
Suetónio
2. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 2 – Tibério, Calígula, Cláudio*  
Suetónio
3. *As Vidas dos Doze Césares*  
*Vol. 3 – Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano*  
Suetónio
4. *A Dinastia de Avis e a Construção da União Ibérica*  
David Martelo
5. *Geronimo e os Apaches – Autobiografia do Último Chefe Índio*  
Geronimo
6. *O Povo do Nilo – O Egipto dos faraós*  
Luzia Seromenho
7. *50 Grandes Discursos da História*  
Manuel Robalo, Miguel Mata (selecção e apresentação)
8. *A Guerra dos Judeus – História da Guerra entre Judeus e Romanos*  
Flávio Josefo
9. *História da Galiza*  
Manuel Recuero Astray, Baudilio Barreiro Mallón
10. *Benjamin Franklin – Autobiografia*  
Benjamin Franklin
11. *Giuseppe Garibaldi – Memórias Autobiográficas*  
Giuseppe Garibaldi
12. *Mussolini – Autobiografia*  
Benito Mussolini

### *Sobre a coleção*

A vida daqueles que se destacaram no contexto histórico do seu tempo, que conquistaram a imortalidade e moldaram o mundo onde vivemos. Na guerra e na paz, os seus sucessos e infortúnios, as suas visões e ideais.

O nascimento, a evolução, o apogeu e o crepúsculo dos povos, estados e nações que compõem a humanidade.

MUSSOLINI  
AUTOBIOGRAFIA

### *Sobre a presente tradução*

A presente tradução, da responsabilidade de David Martelo, foi realizada a partir de *My Autobiography*, Benito Mussolini, Hutchinson & Co, Londres, 1939, que reproduz a primeira edição (*My Autobiography*, Charles Scriben's Sons, Nova Iorque, 1928), «Com acrescentos especialmente autorizados por acordo e aprovação de *O Duce* estendendo-a até ao ano de 1939».

# MUSSOLINI

## AUTOBIOGRAFIA

Tradução e Introdução  
David Martelo

Prefácio  
António Costa Pinto

Cronologia  
Jorge C. Pereira

*EDIÇÕES SÍLABO*

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, este livro. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor. Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede  
[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

#### *Sobre o tradutor*

**David Martelo** é oficial do Exército (coronel) reformado. Nascido em 1946, em Viseu, ingressou na carreira militar em 1963, mantendo-se no ativo até 1995. Encetou, então, a sua atividade como escritor, privilegiando o debate dos temas de defesa contemporâneos e a história militar. É autor dos seguintes livros: *O Exército Português na Fronteira do Futuro, As Mágoas do Império, A Espada de Dois Gumes, 1974 – Cessar-Fogo em África, O Cerco do Porto, A Dinastia de Avis e a construção da União Ibérica, Origens da Grande Guerra, A Imprevidência Estratégica de Salazar: Timor 1941 – Angola 1961 e Os Caçadores*. Colaborou na obra Portugal e a Grande Guerra. Traduziu e prefaciou as três principais obras de Maquiavel (*O Príncipe, Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio e A Arte da Guerra*) e a *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides. É membro efetivo do Conselho Científico da Comissão Portuguesa de História Militar. De 2007 a 2012, foi membro do Comité Bibliográfico da Comissão Internacional de História Militar.

#### *Sobre o autor da cronologia*

**Jorge C. Pereira** é Professor Auxiliar Convidado no Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos na Universidade do Minho. Doutor em Cultura Norte-Americana. Autor do livro *América – As ideias que Construíram um país*.

## FICHA TÉCNICA

Título: Mussolini – Autobiografia

Autor: Benito Mussolini

Tradução e notas: David Martelo

© da presente tradução: Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, outubro de 2019.

Impressão e acabamentos: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito Legal: 462531/19

ISBN: 978-989-561-029-7



**EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**

Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: [silabo@silabo.pt](mailto:silabo@silabo.pt)

[www.silabo.pt](http://www.silabo.pt)

# Índice

De «Herói Fascista» a Ditador – O Ascenso de Mussolini	9
Introdução	15

## **A minha autobiografia – Benito Mussolini**

Prefácio . . . . .	31
Capítulo I – Juventude . . . . .	41
Capítulo II – A guerra e os seus efeitos no homem . . . . .	63
Capítulo III – Cinzas e recordações . . . . .	89
Capítulo IV – A luta mortal de uma democracia esgotada . . . . .	115
Capítulo V – O jardim do Fascismo . . . . .	143
Capítulo VI – A caminho da conquista do poder . . . . .	165
Capítulo VII – Assim tomámos Roma . . . . .	187
Capítulo VIII – Cinco anos de governo . . . . .	211
Capítulo IX – Novos caminhos . . . . .	247
Capítulo X – O Estado fascista e o futuro . . . . .	273
Capítulo XI – Em marcha . . . . .	301
Capítulo XII – Primeiros frutos do Fascismo . . . . .	305
Capítulo XIII – A Concordata com o Vaticano . . . . .	323
Capítulo XIV – Uma sociedade corporativa . . . . .	337
Capítulo XV – Império na Etiópia . . . . .	347
Cronologia – Vida de Benito Mussolini – Itália e o mundo	371





## De «Herói Fascista» a Ditador – O Ascenso de Mussolini

Neste livro, escrito e parcialmente revisto por Mussolini, o fundador do fascismo traça o seu retrato já a partir do poder, em 1928, quando as instituições do seu inovador regime político estão a ser criadas. A história desta «Autobiografia» é conhecida e vem descrita na introdução. Ainda que nunca tenha sido publicada em italiano nessa época, nem usada pela propaganda do fascismo, ela tem todos os ingredientes da autobiografia «heroica» do ascenso de um chefe carismático que se consolidada como ditador, mas se fosse apenas isso afundava-se no longo registo da propaganda dos chefes das ditaduras modernas. Neste caso, alguns dos ingredientes universais da autorrepresentação do passado dos ditadores juntam-se outros, específicos do fascismo. Entre os primeiros encontram-se, a reinvenção de um passado carismático e heroico, a diabolização da democracia e da sua elite política ou a legitimação do autoritarismo, mas no caso de Mussolini, junta-se o abandono do socialismo e a sua fusão parcial com a mística nacionalista, a apologia da violência e do paramilitarismo, algum anticapitalismo unido com o corporativismo, e outros elementos que fizeram do fascismo italiano um dos mais poderosos modelos políticos de exportação no período entre as duas guerras mundiais. Escrito numa conjuntura de consolidação do regime a pensar num público norte-americano, Mussolini ainda está muito próximo da criação do partido fascista e do percurso que o leva ao poder e o seu retrato de idealização do fascismo enquanto movimento ainda é muito forte. O perfil que Mussolini traça de si próprio enquanto jovem é já a síntese fascista. O nacionalismo unido a algum anticapita-

lismo sem pátria, o soldado da Primeira Guerra Mundial, o veterano nos combates políticos violentos e o chefe carismático.

## Como se faz um fascista?

O autorretrato que Mussolini traça é o de um protagonista anticlasse política em luta pelo regresso à grandeza de Itália, destruída pela democracia. O tema da decadência é um clássico do nacionalismo fascista, no geral associado ao liberalismo, mãe do declínio de Itália. O caráter palingenético do fascismo, que se crê portador do renascimento nacional marca muitos regimes e movimentos políticos autoritários, mas no caso de Mussolini, reflete-se desde cedo na sua vida. Ele foi atirado cedo para «esta luta contra o regresso bestial da decadência».

Outra dimensão da sua condição de militante político é a da honestidade exemplar. Mussolini nunca beneficiou financeiramente com a política e detesta os políticos liberais que corruptos: «Em política – escreve – nunca ganhei um centavo. Detesto aqueles que vivem como parasitas, aproveitando as lutas sociais para seu benefício. Odeio homens que enriquecem na política». Ao contrário deles, conheceu a fome e a dureza da vida. A sua vivência como soldado é indissociável da apologia da participação de Itália na I Guerra Mundial e das virtudes da guerra na recuperação territorial e mesmo expansionista como elemento central do nacionalismo fascismo. «Um dia, escrevi um artigo sustentando que a fronteira de Itália não era em Ala, a cidadezinha que, nesses dias, estava sobre a fronteira entre o nosso reino e a velha Áustria. Como consequência, fui expulso da Áustria por ordem do governo imperial e real de Viena». Mussolini é «desesperadamente italiano» e acredita na função da latinidade enquanto elemento que colocará a Itália na sua vanguarda. Como chefe tem também características de grande austeridade: «Nenhum outro divertimento me interessa. Não bebo, não fumo

e não me interesso por cartas ou jogos. Tenho pena dos que perdem tempo, dinheiro e, por vezes, tudo o que é a própria vida (...).»

**Quem eram os fascistas?** Na sua palavras os *Fasci* de Combate eram «compostos por espíritos revolucionários(...). Eram jovens – estudantes de universidades, os sindicalistas socialistas, que destruíam a fé em Karl Marx pelos seus ideais. Também havia homens de outras profissões e os trabalhadores que ainda conseguiam ouvir a voz real do país!». Para além dos ideais nacionalistas revolucionários, Mussolini destaca o carácter antieletista da sua composição social e o seu carácter paramilitar: «Nas nossas reuniões, estavam presentes vários elementos – sindicalistas, velhos intervencionistas, oficiais desmobilizados mas ainda em uniforme e muitos Arditi, essas bravas tropas de choque da guerra, armadas de granadas e punhais». Esta descrição significava simultaneamente uma realidade e uma estratégia do fascismo. De facto, a conquista das classes populares à esquerda e ao socialismo e até alguma apologia antiburguesa, disputando a esta uma retórica revolucionária, foi uma marca fundadora do fascismo.

Com um forte sentimento antipartidos tradicionais e eleitorais, Mussolini definia os fascistas como um «movimento e não partido, porque a minha conceção sempre foi de que o fascismo deve assumir as características próprias de um antipartido.» Este será também um universal dos movimentos fascistas. Ainda que concorresse a eleições e, em muitos casos, tivessem que adotar oficialmente o nome de Partido, os fascistas nunca esconderam o seu objetivo de destruir o sistema de partidos que fundamentava a democracia liberal.

## A violência paramilitar

A legitimação da violência paramilitar é outra característica da relação entre Mussolini e a política antes da tomada do poder e a sua coragem física seria um exemplo típico da «vida de um fascista». Num exemplo entre muitos que dá nesta autobiografia, Mussolini encara uma pequena multidão hostil, gritando: «O que é que querem de mim? Querem bater-me? Bem, podem começar. Mas depois ponham-se em guarda. Por cada insulto vosso, por cada golpe, irão pagar com juro». Lembro-me da figura daquela alcateia de lobos. Estavam em silêncio. Olhavam furtivamente uns para os outros. O mais próximo recuou, e, então, um medo súbito, que, numa multidão, é tão contagioso como a coragem, espalhou-se pelo grupo. Começaram a recuar e só de longe lançaram os seus últimos insultos.» Esta descrição quase infantil encapsula aquilo que ele descreve como a vida quotidiana de um fascista que enfrentavam muitas vezes «agressões, esfaqueamentos, balas, assassinatos, atrocidades, tortura e morte». Como escreve o próprio Mussolini, o assobiar das balas «próximo dos meus ouvidos» marcou a sua vida política antes da tomada do poder.

Mas o fascismo não desprezou as eleições e os seus compromissos. Apesar de Mussolini ter na sua mente «de forma clara e firme, o conceito de completa rebelião contra o velho e decrépito Estado, que, por si só, não sabia como morrer», convém não esquecer que a «Marcha sobre Roma» não foi a Revolução, mas uma combinação com meio legais e legitimados pelo sistema liberal. Se em 1919, os fascistas têm uma derrota eleitoral, e Mussolini, recusa «compromissos, negociações e acordos» com outros partidos, mesmo perante as vozes derrotistas no seu seio, pouco tempo depois vai fazê-los, e em 1921, tenta «um acordo político e uma trégua com os nossos adversários, sob a proteção do governo». A combinação ágil de uma estratégia de violência com uma eleitoral-legal marcou a ação política dos fascistas e está na base da sua rápida chegada ao poder em 1922.

## A consolidação no poder do fascismo

A consolidação no poder do fascismo foi um processo lento. Se a subversão da ordem liberal foi rápida na eliminação das liberdades, foi lenta na construção das novas instituições. Como o próprio Mussolini salienta, «fiz questão de assegurar ao país uma normalidade e constituir um novo governo. A ordem regressou rapidamente. Registaram-se, apenas, alguns incidentes de violência esporádicos, inevitáveis nas condições em que estávamos (...) Proibi as represálias contra os dirigentes das oposições. Foi só devido à minha grande autoridade que foi evitada a destruição, não apenas retórica mas também real, dos meus mais assanhados inimigos.» Mas não foi apenas devido à sua ação que tal aconteceu. Para além do Rei, o seu primeiro governo foi de coligação, ainda que a gigantesca maioria dos ministros viessem das fileiras fascistas. No entanto, Mussolini rapidamente inicia o desmantelamento da ordem liberal com o apoio do Partido Fascista. A reforma autoritária do sistema eleitoral foi um dos primeiros passos. «O Fascismo não queria submeter-se à forma usual desta farsa tonta. Decidimos criar uma grande lista Nacional, em cuja composição tinham de ser apontados nomes não só de membros conhecidos, experimentados e fiéis guardiões do Fascismo, mas também os daqueles que, na vida nacional ativa, tinham sido capazes de elevar a dignidade do seu país.» Na prática o Partido Nacional Fascista (PNF) transformou-se no partido único e o controle da Câmaras foi um facto. Apesar disso, a dissolução do parlamento e a sua substituição pela Câmara dos *Fascios* e das Corporações só seria realizada em 1939. Paralelamente, o PNF foi ocupando quase todos os cargos políticos do regime, como ele admite abertamente: «O Partido deu-me novos prefeitos para a Itália fascista, elementos para a organização sindicalista e cônsules, enquanto vários deputados foram nomeados ministros e subsecretários. Pouco a pouco, com procedimentos graduais, dei a todo o governo uma orientação sempre mais integral e intransigente. Quase todas as posições de chefia estão hoje confiadas a elementos fascistas. Assim,

após quatro anos de regime, demos atualidade à fórmula “Todo o poder a todo o Fascismo”, que enunciei em junho de 1925, num comício fascista, em Roma.»

Quando escreve e revê esta autobiografia, Mussolini tinha acabado de decretar aquele que será o documento mais imitado pelas ditaduras suas contemporâneas, do Estado Novo de Salazar, à Espanha Franquista ou ao Estado Novo de Getúlio Vargas: *A Carta del Lavoro*, que estabelece um regime corporativo. Tratava-se de institucionalizar simultaneamente, uma resposta fascista ao capitalismo liberal e ao sindicalismo livre, e uma nova representação política autoritária. Por uma vez andou perto da verdade nesta autobiografia quando sublinha: «A Carta do Trabalho encontrou intérpretes e atraiu a atenção de estudiosos em todos os cantos do mundo. Tornou-se no formidável pilar da nova Constituição do Estado Fascista.» De facto, no final da década de 1920, o regime fascista já dispunha dos instrumentos fundamentais que iriam inspirar a «Época do Fascismo»: A chefia personalizada e carismática, o partido único, uma ideologia nacionalista radical e o corporativismo. Esta autobiografia traça de forma exemplar um autorretrato ideológico do seu fundador.

*António Costa Pinto*

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

# Introdução

*O Fascismo era a sombra ou o filho monstruoso do Comunismo.*

Winston Churchill<sup>1</sup>

## Caporetto e Petrogrado

No final de 1917, em plena 1ª Guerra Mundial, dois acontecimentos, separados temporalmente por menos de uma semana e geograficamente por 2.000 km, iriam gerar as condições para o sucesso da Revolução Bolchevista e do movimento, igualmente revolucionário, que serviria de modelo ao processo de a combater.

## Batalha de Caporetto

No outono de 1917, no setor oriental da Frente Italiana, o reforço das tropas austríacas com 7 divisões alemãs iria proporcionar uma inversão da sorte da guerra, até aí favorável à Itália. Em 24 de outubro, iniciou-se a ofensiva austro-germânica, precedida de uma forte preparação de artilharia em que os atacantes fizeram intenso uso de munições de gás venenoso. Os efeitos do bombardeamento com gás foram devastadores para a infantaria italiana, permitindo que o assalto das suas posições constituísse um êxito fulgurante para as tropas atacantes.

---

<sup>(1)</sup> *The Second World War – The gathering storm*, p. 15.

Deu-se, então, o generalizado avanço das tropas austro-germânicas, segundo uma nova tática que privilegiava o rápido movimento dos primeiros escalões, deixando para as unidades de seguimento e apoio a redução das resistências deixadas à retaguarda. À medida que a ofensiva progrediu, menor foi a resistência encontrada, revelando a desorientação que se apoderou das tropas italianas. A 26 de outubro, perdido por completo o 2.º Exército, o general Cadorna, comandante das tropas italianas, já não tinha ilusões: era necessário recompor a frente na margem ocidental do rio Tagliamento. A velocidade do avanço inimigo não permitiu, no entanto, que tal manobra se realizasse. A 3 de novembro, já as tropas dos Impérios Centrais pressionavam os italianos na direção do rio Piave, ainda mais para ocidente. Em apenas 11 dias, as tropas atacantes haviam penetrado cerca de 130 km em território italiano e feito 275.000 prisioneiros. A atestar a desorientação italiana, registre-se o relativamente baixo número de mortos – 10.000 – e os cerca de 300.000 desaparecidos, por fuga, seguida de abandono de arma e deserção.

É justamente neste desastroso quadro de desorientação que se abre uma outra brecha, esta destinada a consentir uma duradoura penetração política. Os meios militares e políticos mais tradicionalistas difundem a ideia de que a catástrofe se deve ao efeito dissolvente e derrotista dos ideais defendidos pelos movimentos antiguerra, especialmente representados pelo Partido Socialista Italiano. O historiador e jornalista Indro Montanelli – que chegou ser apoiante do fascismo, até à Guerra Civil de Espanha – encarou a onda de desertores numa perspetiva mais voltada para as consequências políticas do pós-guerra. Referindo-se às medidas tomadas após ter sido barrado o avanço austro-germânico, Montanelli faz a seguinte avaliação:

Impunha-se proceder com mais calma à reorganização dos extraviados, e não era tarefa menor. Havia cerca de 300 mil que, tendo largado a espingarda, se mostravam relutantes em voltar a armar-se, também porque, uma vez cometida a deserção, eram instintivamente levados a atribuir-lhe uma



justificação ideológica. Do que nos foi permitido compreender, diremos que não foram tanto os socialistas a fazerem Caporetto como foi Caporetto a fazer socialistas, isto é, a multiplicá-los!

## Petrogrado – A Revolução Bolchevista

Poucos dias depois da derrocada de Caporetto, na noite de 6 para 7 de novembro de 1917 (24 para 25 de outubro, segundo o calendário Juliano), o movimento bolchevique desencadeou, com inteiro sucesso, as operações de controlo de Petrogrado. A 8 de novembro, Lenine anunciou a formação de um novo governo, a socialização da terra e o lançamento de uma proposta de armistício de 3 meses para cessar com a guerra.

Mesmo antes de a revolução e a guerra civil subsequente se encontrarem concluídas, o derrube da monarquia czarista e a tomada do poder num país tão vasto como era a Rússia foi suficiente para entusiasmar todos os partidos políticos que, na Europa, havia décadas professavam os ideais socialistas de cariz revolucionário e se opunham à ideia de uma conciliação com o sistema democrático liberal. O abalo sentido nos países europeus e americanos mais desenvolvidos não foi inferior ao impacto provocado pela eclosão da Revolução Francesa. Conjugado com a decisão dos Estados Unidos da América de participar na guerra europeia, o golpe bolchevista iria ter consequências dramáticas na evolução do século XX. Para começar, em Itália.

---

<sup>(1)</sup> Montanelli, Indro, *Storia del Regno d'Italia, 1861-1946*, Il Giornale, Milão, 1993, pp. 122-123.

## Benito Mussolini

Quando Mussolini, depois de ser demitido da direção do jornal socialista *Avanti*, funda o *Il Popolo d'Italia* (15 de novembro de 1914), o futuro *Duce* não pensa abandonar o Socialismo. De facto, por baixo do título do novo diário, podia ler-se «Quotidiano Socialista». Só a 24 de novembro é que foi convocado pela Secção Socialista milanesa, onde, depois de uma sessão conturbada, seria expulso do partido.

Entretanto, em 23 de maio de 1915, a Itália declara guerra ao Império Austro-Húngaro, juntando-se aos Aliados. Mobilizado como combatente, é no seguimento da derrota de Caporetto que Mussolini rompe ideologicamente com o socialismo. Um marco desse rompimento ainda hoje pode ser constatado na primeira página do *Il Popolo d'Italia* de 1 de agosto de 1918, de onde desaparece, pela primeira vez, o subtítulo «Quotidiano Socialista», o qual é substituído por «Quotidiano dos combatentes e dos produtores». É um salto de notável amplitude, sobretudo pela expressão «produtores», a qual, englobando empregadores e empregados, prenuncia o abandono da luta de classes e o abraçar da ideologia corporativa da conciliação de classes. Sobre esta grande inflexão ideológica, Montanelli haveria de referir o seguinte:

Há quem veja nesta mudança de campo, um facto traumático, um renegamento, uma rotura de Mussolini com o seu passado. Nós pensamos que seja mais correto falar de um regresso às origens. Mussolini nunca foi um verdadeiro socialista. Mesmo quando sobressaía no partido como figura de primeiro plano, não o amava e desprezava os dirigentes. Usava esta qualificação como uma etiqueta conveniente para conquistar as massas, relativamente às quais era totalmente insensível e que lhe interessavam unicamente como «material revolucionário» para a conquista do poder, do *seu* poder!<sup>1</sup>

---

<sup>(1)</sup> Montanelli, Indro, *I Protagonisti*, Il Giornale, Milão, 1993, p. 381.

Ao assumir o seu rompimento com o socialismo, Mussolini inicia um novo percurso político – sempre nacionalista e de inspiração patriótica – mas que ele não controla em absoluto, sujeitando-se a diversas correções de rumo. Essa flexibilidade, associada às suas inegáveis qualidades oratórias e de liderança, explicam o espantoso crescimento do Fascismo no período de três anos que decorre da Vitória à Marcha sobre Roma.

A forma surpreendente como de uma derrota humilhante o Exército Italiano consegue, em poucos meses, reivindicar o estatuto vitorioso, concretizado com o sucesso de Vittorio Veneto, leva Mussolini a um raciocínio simples:

O «seu lado», essencialmente constituído pelas massas de italianos das classes mais baixas, devia começar a definir-se por:

- Ter sido a favor da entrada da Itália na guerra, ao lado dos Aliados;
- Orgulhar-se de ter combatido e de ter saído vitorioso;
- Entender que essa vitória tinha de ser o início de um renascimento nacional.

O «lado inimigo», por sua vez, esboçava-se através dos:

- Opositores à beligerância da Itália;
- Desertores do Exército e pacifistas que os desculpabilizavam, com especial relevância para o Partido Socialista Italiano;
- Que desvalorizavam a Vitória na guerra.

O Partido Socialista Italiano entrou, claramente, nesta separação de águas que Mussolini antevia. Num país cansado de guerra, o partido beneficiava do facto de sempre se ter oposto à beligerância italiana. Sem medir bem as consequências, não só achou que era útil desencadear uma campanha política contra os que haviam desejado a guerra, como contra os cidadãos que a haviam combatido como simples soldados. Se algum deles manifestava o desejo de se alistar debaixo da bandeira vermelha, era recusado sob a acusação de «cúmplice da burguesia».

Como o Partido Comunista Italiano só seria fundado em janeiro de 1921, como resultado de uma cisão no Partido Socialista, era este que, inicialmente, se identificava com os sucessos do Bolchevismo russo. Assim, o espírito revolucionário e a luta contra a burguesia surgiram em Itália logo após o final da guerra, sob a forma de uma agitação social muito forte, primeiro com o recurso às greves e, posteriormente, com a ocupação de fábricas e a tentativa de gestão das mesmas. Essa agitação era acompanhada por ações violentas, frequentemente com a utilização de armas de fogo e explosivos e a ocorrência de mortos e feridos, criando a imagem de um país paralisado e à beira do caos. Para tudo isso, o sistema parlamentar italiano não só não foi capaz de encontrar solução, como deixou patente a inexistência de uma figura de grande prestígio que pudesse constituir uma referência de unidade para a formação de um governo digno desse nome.

A falta de uma personalidade forte notava-se, também, no campo revolucionário da esquerda italiana. No âmbito parlamentar, o vasto grupo de deputados do Partido Socialista recusava-se a qualquer entendimento com os demais partidos, preferindo a atitude do «sós contra todos». Assim, não foi difícil o convencimento de grande parte dos italianos de que o socialismo se tornara numa organização que usava um só modo de ação: a violência e a desordem.

O desejo de ORDEM, como sinónimo de tranquilidade, foi crescendo no seio da sociedade italiana. E, se o movimento fascista proclamava a sua inflexibilidade em não aceitar qualquer compromisso ou negociação, a Itália sociologicamente conservadora aprestava-se a comprometer-se com quem lhe prometia a ordem e o combate à ameaça bolchevista.

Depois de diversas correções de rumo, o esboço dos seguidores de Mussolini vai-se aprimorando. Assim, ao apoio à beligerância da Itália, ao orgulho pela vitória e à visão de um renascimento, numa segunda fase o Fascismo vai acrescentar a reivindicação da defesa de um IDEAL, consubstanciado num conceito

de uma Itália inspirada nas glórias e na grandeza da Roma da Antiguidade, sustentada por uma rígida disciplina e liderada por um DITADOR, também ele de inspiração romana. É este conceito, sempre impregnado de um discurso de acalorada superioridade moral, que leva Mussolini a censurar a forma como o Tratado de Versalhes apoucou a vitória italiana na guerra, sobretudo em matéria de compensações territoriais, tanto na Europa como em termos coloniais.

Todos estes condimentos políticos se adequam a uma organização que, tendo raízes na guerra, revela, desde os seus primeiros passos, uma patente disponibilidade para o COMBATE, para a violência, mesmo quando apresentada como resposta à desordem provocada pela violência dos opositores. A poderosa encenação final constituída pela Marcha sobre Roma, com o emprego de milícias armadas, logo seguida pelo convite do Rei Vítor Manuel III a Mussolini para formar governo, constituiria um exemplo único de golpe de Estado, com a particularidade de as Forças Armadas italianas, recolhidas nos seus quartéis, se terem mantido numa significativa atitude de neutralidade. Nestas circunstâncias, a ascensão de Mussolini a chefe do governo constituía uma retumbante vitória político-militar. E, logo que a nível interno se consumou e consolidou a vitória sobre socialistas, comunistas e democráticos, o espírito belicoso que a tornara possível começou a ser orientado para a aventura colonial, terminando na aliança com a Alemanha Nazi e no envolvimento na 2ª Guerra Mundial.

## A autobiografia

Conforme explica Richard Washburn Child no Prefácio da obra, a iniciativa de publicação desta autobiografia coube a este ex-embaixador dos EUA em Itália. É muito evidente que Child tinha grande admiração por Mussolini e pela sua obra. Estava-se em 1927 e ainda se não tinham completado seis anos de governo do *Duce*. Parecia muito pouco tempo para justificar uma auto-

Nesta autobiografia, Mussolini, conta a sua vida, os seus pensamentos e ideias que ditaram a sua ação até ao ano de 1927, quando tinha 44 anos. Desde aspetos da sua vida privada até ao modo como construiu o movimento fascista e chegou ao poder eleito para o Parlamento Italiano pelo Partido Nacional Fascista e depois ao cargo de primeiro-ministro de Itália são aqui narrados de um modo vivido, e que captura em pleno o espírito e a personalidade do autor.

Esta edição, primeira em língua portuguesa, para além de uma cuidadosa tradução, apresenta um prefácio, uma introdução e uma tabela cronológica permitindo ao leitor melhor compreender a obra, o autor e as suas circunstâncias.

De leitura recomendável a estudantes de história, ciências políticas e sociais, apaixonados por biografias, políticos e a todos aqueles que se interessam por história ou política, admiradores ou não do autor, este livro impõe-se como um documento histórico valioso e ao mesmo tempo fascinante para os seus leitores.

“ (...) *A chefia personalizada e carismática, o partido único, uma ideologia nacionalista radical e o corporativismo. Esta autobiografia traça de forma exemplar um autorretrato ideológico do seu fundador.* ”

António Costa Pinto  
*In* Prefácio

# Mussolini

## Autobiografia

ISBN 978-989-561-029-7



633